

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

Análise da violência e segurança o corridas nos jogos clássicos envolvendo o. Coritiba Football Club nos anos de 2009 e 2010.

Ana Paula Cabral Bonin.

Cita:

Ana Paula Cabral Bonin (2009). *Análise da violência e segurança o corridas nos jogos clássicos envolvendo o. Coritiba Football Club nos anos de 2009 e 2010. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/1913>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/evbW/dGG>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Análise da violência e segurança

**o corridas nos jogos clássicos envolvendo o
Coritiba Football Club nos anos de 2009 e 2010**

Ana Paula Cabral Bonin

Fernando Marinho Mezzadri

Universidade Federal do Paraná

Brasil

A violência sempre esteve presente no futebol e suas raízes impregnadas em uma sociedade caracterizada pela virilidade. Segundo Heloísa Reis (2006) “a violência tem início a partir da idéia equívoca de que esporte é espaço de legitimação da masculinidade. Além disso, não podemos esquecer de fatores como a questão econômica e social, além da corrupção nos clubes, impunidade em relação aos que praticam atos violentos e desigualdade social”. Segundo a mesma autora a violência no futebol abrange um universo de totalidade que engloba jogadores, técnicos, dirigentes, árbitros, torcidas, etc. São várias as causas dessa violência: infra-estrutura inadequada, impunidade, falta de controle policial, fanatismo exacerbado, decisões e declarações dos envolvidos, dentre outras. A mesma autora relata que a violência no futebol não é um caso isolado e causado por um determinado tipo de pessoa, esse fenômeno engloba uma série de personagens ligadas direta e indiretamente ao futebol. Uma dúvida perpassa naqueles que estudam o tema em questão e inclusive nós mesmos a tivemos: a violência exposta na proporção atual existe desde quando? Podemos respondê-la que se levarmos em conta os estudos realizados por Norbert Elias sobre o processo civilizador, podemos concluir que a violência de uma maneira ou outra sempre existiu, porém, com o tempo, ela mudou a maneira de manifestar-se. Podemos dizer que houve uma mudança no *habitus* nos indivíduos e que esses passaram a não mais controlar o comportamento que deveria ser controlado em determinados ambientes.

O termo violência define-se por: “constrangimento físico ou moral; uso da força e ato violento”¹. A nação brasileira possui uma identidade social com o futebol e essa identificação é reforçada pela mídia que espetaculariza o esporte. Essa identificação é que move o público para dentro dos estádios de futebol, porém existe uma distinção de público que vai ao estádio de futebol. Há aquele público que vai por divertimento, que considera o jogo como uma forma de lazer e que independente de vitória ou derrota o que importa é o espetáculo que ele está assistindo. Em contrapartida existe aquele público preocupado com a vitória da equipe, onde estão incluídos dirigentes de clubes, imprensa, técnico, a família e os próprios jogadores (CIRULLI e MACHADO,1997).

Os primeiros passos que evidenciam a violência no futebol resumem-se em virar as costas para torcedores adversários, xingar o árbitro, atirar objetos para o terreno de jogo, etc. Isto fica claro ao observar o comportamento crianças que estão começando a acompanhar o esporte e a frequentar estádios e campos de futebol (CONTRERAS, 1990, citado por TAVERNA, 1995), comportamento bastante semelhante aos adultos.

Quando a violência perpassa os gramados e penetra nas arquibancadas do estádio envolvendo torcedores o assunto fica com maior teor de complexidade pois existem pessoas que se satisfazem ao cometer cenas de violência e muitas vezes essas cenas de violência aumentam cidade adentro sendo que diversos patrimônios públicos e privados são destruídos com voracidade e diversas pessoas que não fazem parte dessas organizações já perderam a vida simplesmente por estarem “no caminho” pelo qual esses vândalos passavam. Não cabe atribuir as causas da violência, exclusivamente às questões de classe social, ou fatores estritamente econômicos. Na composição de uma “torcida” participam pessoas que respondem a processos criminais, viciados, estudantes, trabalhadores, pais de família, jovens, mulheres e crianças, enfim uma miscigenação enorme que caracteriza muito bem as torcidas(Pimenta, 2004).

Carlos Pimenta (2000) cita que três pontos são convergentes para justificar e explicar a violência entre torcidas organizadas: a juventude, cada vez mais esvaziada de consciência social e coletiva; o modelo de sociedade de consumo instaurado no Brasil, que valoriza a individualidade, o banal e o vazio; e o prazer e a excitação gerados pela violência ou pelos confrontos agressivos . A violência no futebol muitas vezes está (inclusive e principalmente de acordo com a mídia) vinculada às Torcidas Organizadas, mas sabemos que essa informação é equivocada visto que estudos relatam que muitas pessoas com instinto violento penetram nas TO's para exercer suas atitudes perante muitas pessoas. Não estamos eximindo as TO's de atos violentos apenas relatamos que não são

¹ Definição de violência retirada de FERREIRA, Aurélio, 2000 p.712

somente elas que os cometem. Para confirmar a posição por nós escrita citamos o Prof. Maurício Murad, da UERJ- Universidade Estadual do Rio de Janeiro:

(..) os atos violentos praticados por ocasião dos jogos estão restritos a alguns grupos. Não raro, são os mesmos que também se infiltram nos bailes funks, nos grandes shows musicais e nas festas de carnaval para causar confusões e brigas. São grupos formados predominantemente por jovens entre 15 e 24 anos, que vivem em áreas de risco ou dominadas pelo crime organizado, onde serviços públicos como saúde, educação e lazer praticamente inexistem. (Artigo: “Violência no futebol, 08/05/2007, do site www.educacaofisica.org).

O estádio favorece o aparecimento de atitudes agressivas e violentas promovidas pelo afrouxamento de autocontrole e das condutas sociais. As expressões de violência não podem ser compreendidas pelo viés econômico pois o futebol deve ser entendido por um contexto mais ampliado (PIMENTA,1997). Se voltarmos a analisar e comparar os tipos de violência que ocorrem dentro e fora dos gramados podemos encaixá-las em casa aspecto do que Dunning caracteriza como os tipos de violência humana. Sejam jogadores ou torcedores cada um deles caracteriza-se dentro da classificação feita por Dunning, ou seja, independente de classe social, status, cor ou grau de escolaridade, todos aqueles que cometem cenas violência tem plena consciência do ato extremo de marginalidade ao qual estão submetendo-se.

Desde o surgimento do hooliganismo no futebol a violência é muito vinculada às torcidas organizadas, porém, hoje em dia sabe-se que a violência no futebol é algo muito mais abrangente e com muitos mais envolvidos do que simplesmente torcedores organizados. Segundo Dunning (1992) os tipos de violência são diversos e complexos. Ele as distingue quanto: aos meios utilizados; os motivos dos atores que a cometem e os níveis de intencionalidade envolvida; e alguns parâmetros sociais que contribuem para distinguir as formas de violência umas das outras. Dunning também classifica a violência humana no que se refere à: se a violência é real ou simbólica- se apresenta a forma de agressão física direta ou simplesmente atitudes verbais ou não verbais; se a violência é uma simulação ou é real; se armas são ou não utilizadas; caso as armas sejam utilizadas se os atacantes estabelecem contato direto; se a violência é intencional ou consequência acidental; se a violência é iniciada sem provocação ou como sendo uma resposta a um ato violento; se a violência é legítima ou ilegítima em relação aos valores e normas socialmente prescritos; se a violência toma uma forma racional ou afetiva. (Dunning, 1992 p. 329)

Acreditamos ser válido diferenciar nesse momento as violências física e simbólica. Violência física para Marilena Chauí (1999) é todo ato de força contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém. Violência Simbólica para o sociólogo Pierre Bordieu (1997) é uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e também, com frequência, dos que exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou de sofrê-la. Nos estádios de futebol ambas as violências fazem-se presente em todos os jogos, e ambas ocorrem entre jogadores e torcedores. A violência sempre existiu nos estádios e nos jogos pois a competição por si só faz com que os indivíduos “necessitem” de uma superioridade perante os adversários. Antigamente a violência simbólica era mais presente, com o decorrer do tempo e da mudança do *habitus* dos indivíduos, a violência de certa maneira deixou de ser simbólica e passou a expressar-se através de palavras e ações por parte dos seus praticantes. A violência passou a ser símbolo de prazer para indivíduos pertencentes a grupos rivais.

O futebol é um esporte que permite a igualdade. Dentro de campo tudo é milimetricamente igual para ambas as equipes: o tamanho do campo, a trave do goleiro, o espaço técnico, a bola. Essa igualdade acaba se refletindo nas arquibancadas onde independente da classe social, status, cor, grau de escolaridade, todos se abraçam para comemorar o gol do time principalmente em uma final de campeonato ou em um clássico a virada ocorre quando o relógio marca quarenta e seis minutos do segundo tempo. Claramente sabemos que essa igualdade ocorre se os indivíduos estão em uma mesma área de determinado estádio pois cada ala supostamente caracteriza um determinado perfil de torcedor. Dizemos supostamente ao tomar como exemplo o clube e estádio por nós pesquisados: Coritiba Football Club e Couto Pereira respectivamente. Império, Mauá e Cadeiras Sociais são as alas do estádio onde as pessoas podem localizar-se. Há brigas se as pessoas estão em alas diferentes do estádio mas se estão em uma mesma ala não há diferenciação. Há pessoas de classe alta que desejam estar no “povo” e por isso compram ingresso na Império para sentir a adrenalina, o que é mais difícil senão impossível de acontecer com alguém de classe mais baixa nas cadeiras sociais visto que o valor do ingresso é bastante relevante para satisfazer um desejo passageiro.

Quando analisamos o futebol paranaense podemos ver que nesse, como em qualquer outro estado brasileiro, também há o problema da violência no futebol. Os clubes da capital literalmente “se enfrentam” quando o jogo é um clássico e a preocupação toma conta das autoridades e agentes envolvidos no complexo fenômeno esportivo. Dados mostram que em 2008 foram gastos R\$ 250 mil pela prefeitura de Curitiba para reparar danos causados pelo vandalismo de torcedores de futebol. (Dados retirados do Jornal Comunicação- Abril,2009). Esse número é alarmante tendo em vista que Curitiba é pequena quando comparada à capitais como São Paulo e Rio de Janeiro,

imaginando-se assim o gasto com o vandalismo que estas capitais possuem. Mas se atentarmos à prevenção no caso paranaense surge então um projeto que segue para aprovação no congresso que busca garantir mais segurança nos estádios. O projeto é uma “continuação” do estatuto do torcedor, porém, inclui a alteração de que as torcidas organizadas devem responder civilmente pelos atos de seus associados. O estatuto referencia mais sobre a regulamentação dos eventos esportivos; quanto à violência, estabelece a proibição de venda de bebidas alcoólicas nos estádios e arredores durante a partida e monitoramento de câmeras nos estádios cuja capacidade exceda 20 mil pessoas. Quanto à punição para os torcedores o estatuto determinaria de um a dois anos de prisão para as pessoas que praticarem atos violentos antes, durante e depois das partidas. Se o réu for primários a punição prevista será de três meses à três anos de proibição da ida ao estádio. Os responsáveis pelas torcidas locais foram ouvidos quanto à nova proposta de mudança e as respostas foram diversas. Alessandro Kishino representante do Paraná Clube ressaltou que segundo a lei já existem meios de punir os baderneiros porém a lei não é cumprida, fazendo uma alusão de que as mudanças são positivas desde que sejam cumpridas. Surge então uma campanha da prefeitura cuja intenção é mostrar que o dinheiro gasto para reparar danos causados pelo vandalismo no futebol poderia ser gasto com outros fins para a população. O cartunista Thiago Recchia cria então “Los 3 Inimigos” personagens que representam os três clubes da capital. Não achamos essa solução a mais inteligente visto que reforça a idéia de que os clubes e conseqüentemente seus torcedores são inimigos. A solução para o problema não é imediata, pois não envolve apenas o campo esportivo como também a economia, a educação e a política, porém, criar personagens que de maneira implícita reforçam o caráter militar de confronto no futebol não parece ser a melhor solução para resolução desse problema social.

Referências

- DUNNING, Eric; ELIAS, Norbert. **A busca da excitação**. Lisboa, Difel, 1992;
- PIMENTA, Carlos A.M. **Violência entre torcidas organizadas de futebol**. - Artigo
- Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária - **O Futebol como Meio para o Processo de Construção da Cidadania**. Belo Horizonte – 12 a 15 de setembro de 2004
- REIS, Heloísa Helena Baldy. **Futebol e violência**. Campinas, SP: Armazém do Ipê (Autores Associados), 2006.
- TAVERNA, Márcia Siqueira. **Violência no Futebol: causas e medidas**. Curitiba, 1995.
- CIRULLI, Amália; MACHADO, Afonso. **A torcida e o momento esportivo**. In: MACHADO, Afonso **A. Psicologia do Esporte**- Temas Emergentes I. Jundiaí: Ápice, 1997.
- PIMENTA, C. A. M. **Violência entre torcidas organizadas de futebol**. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 122-128, 2000.
- PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. **Torcidas Organizadas de Futebol Violência e auto-afirmação- aspectos da construção das novas relações sociais**. Taubaté- SP: Vogal Editora, 1997

- Jornal Comunicação, Abril, 2009
- www.educacaofisica.org